

Os ritos de Christina

Raul Córdula

A arte de Christina Oiticica se reflete numa religiosidade panteísta que percorre a mineralidade sagrada dos Pirineus sob a miragem druídica do Monte Viscos, da memória de Joana D'Arc às visões angelicais da Tour de Saint Jacques em Paris, entre estradas, caminhos e veredas no campo de estrelas seguindo a Via Láctea, peregrinando no território da magia ladrilhado de pedra, transfigurado em argila.

Li num texto alquímico anônimo de 1534 que “A pedra é familiar a todos os homens, jovens e velhos. Encontra-se no campo, na aldeia, na cidade, em todas as coisas criadas por Deus e, contudo, é depreciada por todos. Ricos e pobres tocam-na todos os dias, as criadas a lançam nas ruas, as crianças brincam com ela, e assim ninguém lhe dá valor, ainda que ela seja, depois da alma humana, a coisa mais maravilhosa e mais preciosa da terra e tenha o poder de fazer cair reis e príncipes. Mesmo assim ela é considerada a mais vil e desprezível das coisas terrestres.”

Não pude então deixar de pensar no universo feminino que emana dos objetos criados por esta serena artista que se move em busca de segredos e mistérios. Temas recorrentes no seu trabalho, lábios e corações sugerem um caminho para dentro, penetrando pelos lábios até a caverna do coração, o íntimo cheio-vazio, coração feminino impregnado de desejos, onde habita seu ser mais profundo, aquele que existe antes de nascer e continuará vivo depois da morte.

Com a montanha é semelhante, o que procuramos nela é também o seu íntimo: a caverna, o coração da montanha.

Através dos lábios aprendemos a viver, mas na caverna aprendemos a morrer enquanto estamos vivos, e a ficarmos infinitamente imóveis, em sintonia com o absoluto, pois nosso destino derradeiro é nascer e morrer eternamente.

Nas telas que Christina enterra e tempos depois desenterra para esticá-las nas armações, surgem finalmente as superfícies fossilizadas e modificadas pela terra e seus compostos minerais, animais e vegetais, que lhes dão o aspecto final, como se este ato as reinventassem neste eterno retorno, onde aparecem vivas e eivadas de micróbios, fungos, ferrugem, argila, memórias geológicas. Essa ressurreição é o seu verdadeiro gesto criador que tem a natureza como sua cúmplice. Mas o fundamental é que a magia é o saber que nos leva a domar a natureza. Então a beleza destas telas, o encantamento que elas nos trazem, não vem dos materiais estéticos e expressivos que são comuns na maioria dos artistas, elas são feitas com matérias etéreas, mesmo que tenhamos de atribuir materialidade ao etéreo.

Numa outra escala, esta atitude de matar e reviver nos leva a pensar num exercício de preparação, num rito religioso que nos conduzirá ao momento final, quando sairemos do casulo, um rito de passagem. Seria toda arte um rito de passagem do ontem para o amanhã? Ou seria e apenas a expressão do eterno agora onde, se olharmos com atenção, podemos perceber o infinito?